

## FUTEBOL: AS FAMÍLIAS DO ZECA

*SOCCKER: THE ZECA FAMILIES*

*FÚTBOL: LAS FAMILIAS DEL ZECA*

**Walter Reyes Boehl**

*walter.boehl@ufrgs.br*

**Mauro Castro Ignácio**

*mauroesef@gmail.com*

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)**

**PALAVRAS-CHAVE:** *futebol; etnografia; sociedade.*

## INTRODUÇÃO

Dentre os esportes praticados em solo brasileiro, o futebol pode ser considerado o que mais alimenta esperanças aos jovens em relação a vivê-lo como profissão. De regra, não fazem sozinhos. Frequentemente, são nutridos muito mais pelos anseios familiares do que pelos seus. Pensam, além da prática, a ascensão social e econômica. Seguir a carreira de futebolista profissional, para muitos, é dado como a máxima oportunidade de vida àqueles que almejam deixar a penúria - não que passem fome, mas que passem necessidade (RIAL, 2006) - para viver as benesses e o status que o futebol possibilita. Nesse sentido, inúmeros jovens chegam aos clubes de futebol pelo incentivo familiar e o desejo de, através desse esporte, enriquecer rápido para dar condições melhores aos familiares (VIEIRA, 2016).

Quando o jovem ascende à base, não chega sozinho. Antes de configurar a família esportiva - treinadores, empresários, dirigentes, olheiros, amigos (SPAGGIARI, 2015) - o atleta, em geral, carrega consigo os familiares como esteio. São esses ofícios, através de esforços múltiplos (RIAL, 2006) - passagem de ônibus, serviço de chofer, alimentação, material esportivo, entre outros, quando não ofertado pelo clube - os mantêm em condições de treinar diariamente.



## METODOLOGIA

Esta pesquisa, em curso, surgiu paralelamente à dissertação de mestrado que intenta compreender o que é ser um “empresário de futebol” atuante na região sul do Brasil. Para esta, o escopo é entender e refletir, através da etnografia, como se configuram e se socializam os integrantes das diferentes famílias de jovens aspirantes a jogador de futebol das categorias de base do Esporte Clube São José de Porto Alegre. O cenário do estudo é a rua Padre Hidelbrando, também chamada de “rua sem saída”, bairro Passo d’Areia.

## AS SOCIALIZAÇÕES NO ZECA

Quando adentramos no campo da “rua sem saída”, em agosto de 2018, a priori, percebemos um território constituído em uma sociedade organizada pelos familiares de pretendentes à carreira futebolística que, além de passar as tardes à espera de seus filhos com conversas jogadas fora, aproveitavam o ócio para programar encontros festivos e jeitos de auxiliar nas finanças (sustentar) da categoria de base. Inicialmente, nada deveria nos causar estranheza. A comunidade laborava em prol da formação dos aspirantes.

De acordo com os nossos movimentos, buscando sempre outros posicionamentos que o fazer antropológico implica ao estudar outras culturas, os nossos olhares iam descortinando elementos que na lonjura seriam imperceptíveis. O que, inicialmente, aprendia-se como uma sociedade homogênea e coesa, passava a exibir-se como uma coletividade gretada. A partir de novas lentes, passamos a perceber aquele território elisiano, composto de “estabelecidos” e de “outsiders” (ELIAS, 2000). De um lado, o grupo empoderado, através da força econômica. Do outro, a existência dos “de fora”, sustentado pelo capital futebolístico - representado pelo dom/dádiva e dom/talento - de suas proles (DAMO, 2005). Entendemos, primariamente, esses como “outsiders”, haja vista, terem desembarcados naquele espaço e ano, como demonstra o Carlos, pai de um atleta da categoria infantil:

Eles têm dinheiro. Por isso ficam nos menosprezando. A toda hora jogam na nossa cara que aquilo só existe porque eles pagam. Que eles colocam grana na categoria. Eles têm o grupinho deles. Dos ricos. A gente chegou esse ano no clube. Por isso que ficamos na nossa. Querem que a gente pague. Mas não temos as mesmas condições financeiras. A única coisa que temos a oferecer é o futebol de nosso filho. Não acho justo que as coisas sejam assim. Acaba gerando muita briga e inimizade. Não gostaria que isso ocorresse (DC, 18 de outubro de 2018).

Como no caso do Carlos, percebemos que os “outsiders” em sua maioria eram famílias com menor poder econômico, contudo, seus filhos eram os que gozavam de maior prestígio em termos de desenvoltura esportiva junto à direção do clube. Essa condição era vetor de ameaça aos filhos dos “estabelecidos” na formação como atleta.

A separação física dessa sociedade era manifesta. Eram formados por grupelhos que raramente se embaralhavam. Até mesmo em dia de jogos, as arquibancadas evidenciavam a condição de afastamento. Os “estabelecidos” se postavam mais ao centro-direita das cadeiras sociais; enquanto, os “outsiders” ficavam à esquerda. Todavia, era nas partidas de futebol que o capital futebolístico dos “outsiders” parecia suplantar o capital econômico dos “estabelecidos”. A escalação do time titular, bem como, a lista dos convocados surgiam como o fiel da balança dessa sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade ora estudada apresentou uma constituição de dois grupos heterogêneos, no qual os seus integrantes têm objetivos compartilhados, que é a formação de seus filhos como jogadores de futebol. Sendo que, para se lograr êxito, são necessários a realização de arranjos junto à instituição São José e os empréstimos de capitais distintos.



Para esta, o escopo é entender e refletir, através da etnografia, como se configuram e se socializam os integrantes das diferentes famílias de jovens aspirantes a jogador de futebol das categorias de base do Esporte Clube São José de Porto Alegre. Deixe em evidência as suas constatações. Você pode apontar, ainda, limitações do estudo e indicar possibilidades de dar continuidade a ele.

## REFERÊNCIAS

- DAMO, A. S. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- ELIAS, N. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes antropológicos*, v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008.
- SPAGGIARI, E. *Família joga bola: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana*. 2015. 470 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2015.
- VIEIRA, L. M. *Futebol: do sonho do jogo ao jogo do mercado*. 2016. 65 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Curso de Serviço Social, Departamento de Serviço Social, da UFSC, Florianópolis, 2016.

